



EXPOSIÇÃO

ALVERCA EM FESTA

23SET'23 | 31AGO'26



CÂMARA
MUNICIPAL





[4]
Arraial da festa de São Pedro de Alverca, no Adro da Igreja. C. 1900.
Original no espólio do MM-NA. Doação de Joaquim Nogueira Pinto.

Como em qualquer localidade do país, as festas tradicionais são parte das vivências da população de Alverca do Ribatejo, constituindo elementos do importante património imaterial do concelho de Vila Franca de Xira.

Embora conscientes de que não é fácil representar numa exposição estática expressões relacionadas com o património cultural imaterial, sobretudo tendo em conta que as celebrações festivas, embora assentes em tradições ancestrais, são dinâmicas e interativas, que apesar de repetirem alguns aspetos, a cada ano apresentam diferenças, sobretudo naquelas expressões performativas como o Enterro do Chouriço, que apenas a observação direta pode detetar e comparar, algo que uma exposição museológica, só por si, dificilmente pode replicar, considerámos que era tempo de abordar este tema, utilizando diversas estratégias que permitem musealizar a imaterialidade.

Nesta exposição, onde fazemos uso de fotografias, documentos, objetos tridimensionais e vídeo, pretendemos dar a conhecer as festas religiosas e populares que tradicionalmente se realizavam/realizam em Alverca do Ribatejo, todas elas reunindo aspetos fundamentais que caracterizam as festividades tradicionais, sobretudo no que respeita à capacidade agregadora da população e de renovação do sentimento de identidade.


É nosso intuito avivar memórias e promover a partilha das mesmas entre os nossos visitantes. Através destas memórias, nas quais inevitavelmente se compara o passado com o presente, procuramos ilustrar as festas religiosas e populares de Alverca do Ribatejo e destacar a importância de dar a conhecer e salvaguardar a história e o património imaterial destas festividades.

Tal como vem sendo habitual, esta exposição é possível apenas com a colaboração dos técnicos de diversos serviços da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira com o apoio de alguns residentes antigos e com a colaboração do Museu Etnográfico da Casa do Povo de Arcena.



ALVERCA
EM
FESTA





testemunho mais antigo das ancestrais Festas de São Pedro de Alverca é a lápide, da Quinta do Galvão, onde se lê que D. Pedro II, com o Príncipe D. João e o Infante D. Francisco, estiveram presentes nestas festividades, no ano de 1699, organizadas por Francisco Galvão, que incluiu uma largada de touros na sua propriedade, referida no sermão de Fr. Manuel de Gouveia. Este não foi o único monarca a participar nestes festejos. Séculos mais tarde, em 1840 e 1842, D. Maria II e D. Fernando honraram o antigo concelho com a sua visita em todos os dias das festas.

Sabe-se que as Festas de São Pedro não ocorreram todos os anos. No entanto, foram-se fazendo sempre presentes ao longo da história e na atualidade, aliando os aspetos religiosos da missa e da procissão em honra do Santo Padroeiro, aos aspetos profanos dos arraiais. Com o tempo, a Festa acompanhou a evolução e o crescimento da Cidade de Alverca. E, como não cabe já no adro da Igreja, estendeu-se pelo campo da feira. Atualmente, é organizada pela União de Freguesias de Alverca do Ribatejo e Sobralinho.

Apesar das transformações, próprias em todos os aspetos do nosso património imaterial, a Festa de São Pedro mantém o seu carácter agregador, juntando gerações, pessoas naturais do lugar e de outras origens, naturais do país e do mundo, em momentos de partilha, ligando o passado com o presente.

[1]

Janela da quinta do Galvão, encimada por brasão real, com lápide epigráfica em baixo. C. 1950.

Original no espólio do MM-NA. Doação das OGMA.

AS FESTAS DE S. PEDRO DE ALVERCA

ALFREDO MARUJO

Remontam aos tempos antigos, aquelas que os nossos antepassados diziam ser as grandiosas festas com que o povo de Alverca honrava anualmente, a 29 de Junho, o seu Padroeiro, o “Glorioso Apóstolo S. Pedro” e que apesar de ao longo dos séculos terem sofrido várias interrupções, ainda se mantêm.

Embora desconheçamos a sua origem, ela estará supostamente associada à entronização de S. Pedro como patrono desta terra onde, no seu passado, vivia uma numerosa comunidade de pescadores. Não teria sido, pois, por mero acaso esta feliz escolha, se considerarmos tantas outras terras de pescadores, designadamente situadas no litoral e que de igual modo se colocaram sob a égide do mesmo Apóstolo. Uma vez que também ele fora pescador nos mares da Galileia e por isso conhecedor das agruras e perigos da faina, acreditavam que havia de protegê-los e auxiliá-los nas horas mais difíceis.

Sabe-se que em meados do séc. XVIII era essa mesma comunidade de pescadores que promovia e organizava as festas e para seu melhor desempenho, constituíram com aprovação canónica uma confraria, a “Confraria de S. Pedro da Vila de Alverca”, assim se intitulava, “ereta pelos homens marítimos no ano de 1769”.

Teria sido, então, na observância dos 14 capítulos que constituem o teor do respetivo “Compromisso” da Confraria que conseguiram com grande dedicação e esmero, mas também com o sacrifício do seu trabalho, cujos proventos revertiam significativamente para os fundos da Confraria, manter e abrilhantar durante sucessivas gerações, as grandes Festas de S. Pedro que pelo seu esplendor e grande fama, atraíam anualmente a esta terra grande número de visitantes.

Nestas ocasiões festivas, toda a então vila se engalanava, mas era principalmente no Adro da Igreja, no Largo Gregório Nunes e na Rua da Misericórdia, atual Rua Dr. Miguel Bombarda, que as festas tinham maior desenvolvimento. Todos estes espaços eram cuidadosamente adornados com paus embandeirados, ligados entre si por graciosos festões de murta, decorados com grande profusão de flores de papel das mais variadas formas e cores que os moradores, a seu tempo, entusiasticamente preparavam. Pelo chão se espalhava alecrim, rosmaninho e murta que colhidos nos matos circundantes, perfumavam o ar com os seus agradáveis aromas. Nas janelas das casas se viam, ondulantes, as melhores colchas que cada família tinha e o povo vestia-se a rigor, envergando os chamados “trajes domingueiros”, tão característicos e diversificados.

Tinham estas Festas duas componentes distintas: uma religiosa e outra de divertimento.

A primeira parte, à luz do Capítulo VI da já referida Confraria de S. Pedro, constava durante a manhã de missa cantada, com sermão e solene exposição do Santíssimo Sacramento que se mantinha até à tarde, havendo então outro sermão e a imponente procissão, finda a qual se encerrava a exposição do Santíssimo.

Para maior solenidade destas procissões, foram os irmãos da Confraria adquirindo ao longo do tempo algumas alfaias e insígnias processionais de grande qualidade e beleza, como pratas, peças folheadas a ouro e riquíssimos paramentos, de tal modo que, segundo contavam os antigos, vinha gente de muito longe só para ver e contemplar todo o seu esplendor!

Também fazia parte da tradição das Festas, a imagem de S. Pedro levar na procissão o primeiro cacho de uvas já maduras que no final de junho a natureza fizesse aparecer na área da Freguesia, cacho que era posteriormente leiloado.

Terminada a procissão, dava-se então início ao Arraial, sempre tão aguardado, principalmente pelos mais jovens.

No coreto que antes e para o efeito era montado provisoriamente com madeira e folhas de palmeira, pois o definitivo só viria a ser construído em 1926, tomavam lugar os homens da música que com os seus instrumentos traziam a animação ao Arraial com o início do “bailarico”.

Também a tómbola e outros jogos tradicionais faziam parte das diversões e havia sempre uma quermesse em redor da qual as pessoas se juntavam, desenrolando as suas rifas multicores, na esperança de serem contempladas com algum dos mais variados prémios em exposição.

Em todo o espaço festivo, várias bancas onde eram vendidos bolos, pão, pevides, tremoços e amendoins que as pessoas gostavam de comprar nestas ocasiões.

Ali, se encontravam familiares e amigos que já não se viam há muito e, ao som da música e do repicar dos sinos, envolvidas pela alegria da festa, as pessoas permaneciam em grupos, conversando animadamente até ao declinar do dia.

Entre as festas mais antigas, houve duas que ficaram memoráveis: A primeira foi no ano de 1699, na qual, sendo seu patrocinador o fidalgo Francisco Galvão, trouxe a Alverca, como convidados de honra o Rei D. Pedro II e seus filhos, os príncipes D. João, futuro rei D. João V e D. Francisco, que se fizeram acompanhar pelo célebre orador do Reino, Frei Manuel de Gouveia. Na Igreja de S. Pedro, pregou este sacerdote um dos sermões da Festa.

Ficaram hospedados no histórico, mas já desaparecido Palácio do Galvão, em cujo pátio teve então lugar uma corrida de touros que contou com a presença destes convidados reais.

Como memorial de tão importante visita, sobre a janela dos aposentos onde ficaram alojados, foi colocada a coroa real esculpida em pedra e, ao nível do parapeito, uma lápide assinalando a efeméride.

A segunda festa que também ficou memorável, teve lugar no ano de 1954. Contou com uma grande Exposição Industrial, Comercial, Agrícola e Desportiva, montada nos terrenos agora ocupados pela Rua de Damão, Praceta de Goa e Rua José António do Carmo. Para além das ruas majestosamente ornamentadas e iluminadas, contou com marchas populares, várias bandas de música, diversos divertimentos e fogo de artifício. Pela excelência da sua organização, mereceu uma moção honrosa pelo Presidente do Município.

Já nos anos sessenta e setenta, destacam-se as marchas populares que tanta animação trouxeram às Festas, complementadas pelas tasquinhas de “comes e bebes” montadas no Adro da Igreja.

Nas últimas décadas, a animação das Festas tem estado a cargo da Junta de Freguesia, com muitos e novos divertimentos instalados no espaço conhecido por “largo da feira”, nas imediações do Estádio de Futebol, os quais atraem todos os anos milhares de pessoas e conferem às Festas uma dimensão maior que as torna conhecidas muito para além dos limites da nossa Cidade.

Embora apresentadas sinteticamente, são estas as recordações que guardamos sobre as Festas de S. Pedro. Algumas, por nós vividas; outras, que nos chegaram pela tradição e pela história como precioso legado dos nossos antepassados.

Dê-se, pois, continuidade a esta antiquíssima tradição e acreditemos que quando o que agora se fizer também já for passado, tudo reviverá, se os vindouros ainda mantiverem acesa a chama do amor à Cidade e o fascínio pela sua história!



[13]


Procissão de São Pedro. Saída do Adro da Igreja para a Rua do Castelo. 1954.

Original de Arnaldo Barros.



[43]
Presépio dos Bombeiros Voluntários de Alverca. Década de 1950/60.
Original dos BVA.

CELEBRAÇÃO DO NATAL

 Natal terá origens antigas nas celebrações celtas do solstício de inverno, que marca o dia mais curto do ano e, conseqüentemente, a noite mais longa, relacionado com a continuação e renascimento dos ciclos da vida natural, de extrema importância para os povos agrícolas da antiguidade. Acredita-se que o acender de fogueiras que congregam a população deverá ter origem nesse período, assim como rituais relacionados com a fertilidade que, embora transformados pelo tempo, ainda se observam em algumas tradições populares um pouco por todo o país, pelo que os bolos antropomórficos, que se faziam em Arcena, numa celebração de rito de passagem masculino, poderão ser reminiscências desses tempos mais antigos.

Crê-se que esta festividade está também relacionada com Saturno, entre outros atributos, considerado como deus da agricultura do tempo e renovação periódica, cujas festas eram as mais importantes de entre as celebrações romanas, sendo que um dos aspetos das saturnálias era a troca de presentes entre familiares e amigos.

No ano 350, o Papa Júlio I elaborou um decreto papal no qual determinava que a veneração a Saturno, o deus sol romano, fosse substituída pela veneração ao nascimento de Jesus Cristo. A partir desta data, passa a comemorar-se o Natal cristão.

Em Portugal, são várias as manifestações tradicionais relacionadas com esta festividade religiosa, que não deixou de possuir um forte cunho popular. Desde as ceias tradicionais, aos doces, à montagem dos presépios e, mais tarde, da Árvore de Natal e, claro, à troca de presentes.

Na história recente de Alverca do Ribatejo, para além das festas familiares e da celebração religiosa da Missa do Galo, comum em todo o país, temos conhecimento de algumas festas institucionais, como as que aconteciam nas Oficinas Gerais de Material Aeronáutico e na MA-GUE, onde os filhos dos funcionários recebiam presentes. Destacam-se ainda o tradicional presépio dos Bombeiros Voluntários de Alverca, bem como os bolos e broas de Natal que se fazem ainda em Arcena.



Natal

BROAS DO NATAL DE ARCENA

INOCÊNCIO CASQUINHA

As Broas do Natal são, basicamente, bolos secos feitos a partir de farinha de trigo. Na nossa região, não se chama "broa" ao pão feito de farinha de milho, mas sim pão-de-milho.

Embora se diga "as broas", são, de facto, dois tipos de bolos com pequenas diferenças: as broas e os bolos. As broas têm no seu composto erva-doce e azeite, enquanto que os bolos têm canela e raspas de limão. Estes são enfeitados e são pincelados com ovo, ficando com um aspeto brilhante. Estes bolos com canela eram, em tempos, também conhecidos por "bolos de casamento", talvez um pouco maiores. Era costume as famílias dos noivos, uma semana antes da boda, oferecerem meia-dúzia deles, sobre um prato de arroz-doce, a alguns vizinhos ou amigos que não iriam estar no casamento. Neste caso, faziam-nos em qualquer altura do ano.

O *fazer das broas*, ocorria à volta de uma semana antes do Natal. Era, geralmente, uma tarefa familiar e/ou comunitária. Juntavam-se vários elementos da família e amigos, numa casa que tivesse forno a lenha, auxiliando-se mutuamente na amassadura, na decoração dos bolos e na cozedura. Aproveitava-se, ao máximo, o calor do forno e rentabilizava-se a lenha.

Muitas vezes era o padeiro que, gentilmente, permitia a utilização do seu forno, depois de terminar a tarefa da sua cozedura. Neste caso, os tabuleiros já vinham com as broas, sendo só preciso metê-los no forno. Era também uma agradável oportunidade de convívio, particularmente para as mulheres, sempre as mais sacrificadas com as tarefas domésticas. Os homens tinham sempre o recurso da taberna.

Quando havia rapaziada pequena, com a massa dos bolos, era costume fazer-se um boneco do tamanho dum palmo, para cada um. Este boneco tinha os mamilos salientes, o umbigo marcado e era dotado de um generoso pénis que, posteriormente com o calor da cozedura,

viria a ficar reduzido. À volta do assunto, havia sempre comentários jocosos, mais ou menos brejeiros, por parte dos adultos. Como se calcula, era grande festa para os mais pequenos que começavam logo a comer os bonecos mal eles saíam do forno. Era um momento de festa familiar e de amizade. Na última cozedura, havendo já broas e bolos cozidos, era altura de serem provados, acompanhados por um cálice (um "calcinho", costumavam dizer) de aguardente ou de vinho abafado. Bem conhecida era a afirmação duma senhora de Arcena que confessava: "Eu, quando é por altura do Natal, sou capaz de me embebedar... olha, como um bocadinho de broa e depois, para tirar o sabor da broa, bebo um calcinho de aguardente. Depois, para tirar o sabor da aguardente, como mais um bocadinho de broa"... assim, repetidamente. Isto era muito contado cada vez que se faziam broas.

Era também costume, na manhã do dia de Natal ou no domingo anterior, os homens irem até à taberna, levando na algibeira duas ou três broas ou bolos, que cortavam em pequenas fatias e repartiam com os outros, acompanhando com aguardente ou vinho abafado, mais conhecido por "abafadinho".

Também se fazia – e ainda se faz - de forma recíproca, a oferta das broas de Natal aos familiares e amigos. O mais comum era dar meia-dúzia de broas e meia-dúzia de bolos, separadamente embalados, reutilizando, para o efeito, os pacotes da farinha e do açúcar. As broas duns e doutros eram sempre diferentes, sendo algumas marcadamente melhores que outras. Comentava-se: "Este ano saíram bem...". Ou o contrário.

Atualmente, ainda há muita gente que faz as Broas do Natal. Agora são feitas no recato de cada casa, por vezes ainda na companhia de um ou outro familiar, mas não mais do que isso. Toda a gente tem fornos elétricos ou a gás em casa. Perdeu-se o "espírito do fazer as broas".

RECEITAS DAS BROAS E DOS BOLOS

Seguem as receitas para as broas e para os bolos. Será uma “fórmula” mais antiga, com mais contenção nos gastos, ou seja, com menos açúcar e menos manteiga. Tem-se notado que, recentemente, com condições económicas mais favoráveis, há uma enorme tendência para carregar no açúcar e na manteiga, com a estrita intenção de melhorar a qualidade.

Natal

BROAS

2 kg de farinha de trigo

1 kg de açúcar

Erva-doce moída

Azeite

Manteiga

Fermento de padeiro

Sal

BOLOS

2 kg de farinha de trigo

1 kg de açúcar

Canela

Raspas de limão

Manteiga

Fermento de padeiro

Sal

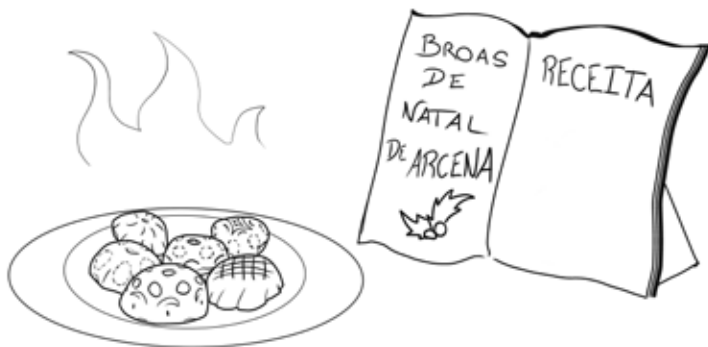
A AMASSADURA E A COZEDURA

Para ambos os casos, misturam-se a farinha, o açúcar, mais a erva-doce (se for para as broas), mais as raspas de limão e a canela (se for para os bolos). À parte, numa tigela com água morna, dissolvem-se o sal, o fermento e a manteiga.

Junta-se tudo e amassa-se, acrescentando-se o azeite na massa das broas. Deixa-se levedar, durante duas horas. Após a levedação, fazem-se pequenas bolas, do tamanho de tangerinas, colocando-as, em seguida, sobre um tabuleiro previamente polvilhado com farinha ou untado com azeite ou outro óleo alimentar, para que se não peguem.

Se forem broas, estão prontas para o forno. Se forem bolos, deverão ser enfeitados com pequenas incisões feitas com “caninhas de enfeitar”, copos, dedais e também com pequenos cortes com tesoura, diversificados. De seguida, anteriormente mexido, aplica-se o ovo ou só a gema do ovo. Esta aplicação pode ser feita com uma “boneca” de trapo, com um pincel ou, como foi em tempos, com uma pena de galinha.

Depois da cozedura, as broas ficarão sem brilho ou com um brilho mate, enquanto que os bolos ficarão brilhantes, devido ao ovo, como se depreende.



CINE-TEATRO

da Sociedade Filarmónica Recreio Alverquense

ALVERCA DO RIBATEJO

DOMINGO DE PASCOA, 24

DE MARÇO DE 1940

GRANDIOSA RÉCITA

com a hilariante paródia em 3 actos, da autoria de ARNALDO BARROS

O Julgamento do Bacalhau

em benefício do cofre desta sociedade

PROGRAMA

Às 15,30 horas — Percorrerá as ruas desta vila, um luzido cortejo alusivo ao *Julgamento do Bacalhau*, com vários carros ornamentados, acompanhado por um grupo de velhos executantes da Banda da «S. F. R. Alverquense». Durante o cortejo serão proferidos vários discursos pelo grande orador *José Bravo (Júnior)*

Pelas 21,30 horas — Início do espectáculo — PRIMEIRO ACTO

Perseguição e Prisão do Bacalhau

DISTRIBUIÇÃO

Chefe de Policia.	Sr. Francisco Henriques	Qadunha (arraís)	Sr. Custódio de Sousa
Policia	José Pinto Cairá	BACALHAU	Arnaldo de Barros
Amante do Bacalhau	José da Costa Palmela	2 pescadorés	N. N. e N. N.

(A acção passa-se numa esquadra de policia)

SEGUNDO ACTO Julgamento do Bacalhau

DISTRIBUIÇÃO

Juiz (O Vinho)	Sr. Francisco Henriques	Dr. Dente de Alho, idem	Sr. José Pinto Cairá
Advog.º de acus.º (Páscos)	„ Albertino O. da Silva	Cravo de Bico, idem	„ José Pedro Ferreira
„ de def.º (Quaresmas)	„ Carlos Silva França	Sal, idem	„ Avelino Luis da Viltória
Escrivão	„ Joaquim Duarte Castelo	Pimenta, idem	„ Izilda Cunha
Official de diligencias	„ José da Costa Palmela	Colorau, idem	„ Avelino Pinto Cairá
Réu (o Bacalhau)	„ Arnaldo de Barros	Azelie, idem	„ Artur Tomaz Indício J.º
Cebóla (testem.º-accusação)	„ Silvano Tomas Indício	Louro (testem.º de defesa)	„ Augusto Cardoso
Salta, idem	„ Manuel Martins Curista		

(A acção passa-se num tribunal)

TERCEIRO ACTO EXECUÇÃO

DISTRIBUIÇÃO

Carrasco (cozinheiro)	Sr. José Vieira dos Santos	Bacalhau	Sr. Arnaldo de Barros
Melrinho	„ José Ferreira Ribeiro	Esbirros	N. N.

(A acção passa-se numa cozinha)

Caracterisações do Domingos José Ferreira. — Encenação de José Rafael Pinto. — Ponte: Joaquim Viana d'Almeida.
Guarda-roupa de D. Antónia Silva. — Cabeleiras de Vitor Manuel. — Contra-regra: Avelino dos Santos Ferreira.

No fim da récita, GRANDIOSO BAILE com várias surpresas — Esmerado serviço de bufete

PREÇOS:

Camarotes (5 entradas) 1500; Balcão de 1.º ordem, 1.ª fila 600, 2.ª fila 500, 3.ª fila 450; Balcão de 2.º ordem, 1.ª fila 400; 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª filas, 300; Cadeiras, 300; Geral, 200
NAO HÁ SENHAS DE SAÍDA

Uma noite bem passada !!
Ao Teatro, vêr o Julgamento do fiel amigo

ATENÇÃO!

A bilheteira abre no dia do espectáculo das 14 ds 16 horas, accellando-se deyxte já marcação de logaras.
Estão em vigôr todas as disposições e alterações do costume

[54]

Cartaz do Cine-Teatro de Alverca, anunciando a récita *O Julgamento do Bacalhau*, da autoria de Arnaldo de Sousa Barros, no Cine-Teatro de Alverca. Páscoa, 1940.

Original no espólio documental do MM-NA.

OUTRAS FESTAS RELIGIOSAS

Outras festas agregavam, tradicionalmente, a população da antiga vila de Alverca, como a Páscoa, que, para além da celebração familiar, se manifestava - e ainda se manifesta - na procissão do Senhor dos Passos. Em tempos, era neste período que se fazia representar, no antigo Cineteatro da Sociedade Filarmónica de Recreio Alverquense, *O Julgamento do Bacalhau*, uma manifestação popular comum um pouco por todo o país, que consistia em acusar o Bacalhau pelos rigores da Quaresma.

Com o decorrer do tempo, algumas festas deixaram de acontecer, como as Festas de São Sebastião em Alverca, de São Clemente em Arcena, de Nossa Senhora da Piedade no Adarse e as de São Romão no Bom Sucesso. Embora apenas possamos ter conhecimento delas pelas notícias encontradas em periódicos antigos, fotografias, cartazes e na memória da população, considerámos importante recordá-las nesta exposição.

Festas
Históricas



[69]
Andor de São Clemente à saída da procissão da Festa em Arcena.
Agosto de 1988.

Original de José Avelar.



[81]

Marchas de São Pedro de Alverca. 1965.

Original do espólio do MM-NA. Doação de Maria do Carmo Carola.

Embora as suas origens sejam mais antigas, como manifestação popular espontânea e sem a organização que depois lhes foram impressas, as marchas populares em Lisboa foram pela primeira vez institucionalizadas em 1932, por iniciativa de Leitão de Barros, o dono do Parque Mayer, com apoio do *Diário de Lisboa*. O sucesso foi tanto que rapidamente começaram a ser organizadas um pouco por todo o país.

As Marchas de São Pedro de Alverca foram, durante décadas, organizadas por iniciativa de Manuel Evaristo Carola [1 setembro 1934 – 20 janeiro 2003]. O primeiro evento, com o cunho da Sociedade Filarmónica de Recreio Alverquense (SFRA), ocorreu em junho de 1964, envolvendo a comunidade, particularmente os jovens locais, como marchantes. Tendo partido do antigo quartel dos Bombeiros, na rua Miguel Bombarda, percorreram as ruas da antiga vila até ao campo pelado do Futebol Clube de Alverca.

Durante todo o Século XX, a SFRA organizou Marchas Populares, algumas das quais infantis. Na viragem do milénio, foram caindo em desuso. Atualmente, embora algumas instituições, como a Casa São Pedro ou a Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos de Alverca, desenvolvam ações de carácter institucional, envolvendo os seus utentes e/ou associados, as Marchas Populares de Alverca deixaram de ser o evento que juntava músicos, aderecistas, jovens e toda a população, num momento que persiste na memória dos antigos e nas imagens e documentos expostos.

Marchas
Populares
de
São
Pedro
de Alverca

AS MARCHAS DE ALVERCA

VÍTOR MANUEL CAROLA

A Marcha de Alverca saiu à rua pela primeira vez em 1965, nos festejos dos Santos Populares, impulsionada pelo espírito artístico e criativo, tanto poético como musical e coreográfico, de Manuel Evaristo Carola, alentejano nascido em Tolosa, concelho de Nisa, que se tinha radicado em Alverca ainda nos anos 50 com a sua mulher, Idalina Maria Lontrão Carola, natural da Amieira do Tejo.

Tal como muitos outros, este jovem casal que procurava melhores condições de vida para a família que estavam a formar, não sentiu dificuldades em se integrar nas dinâmicas sociais, económicas e culturais da freguesia de Alverca, designadamente a partir da sua participação nas obras e atividades diversas da paróquia de S. Pedro de Alverca. Curiosamente, o meu avô chamava-se António São Pedro Carola e tocava clarinete na banda de Tolosa, tal como o meu pai.

Pedreiro de profissão, Manuel Carola trouxe consigo a experiência musical enquanto instrumentista da banda e como cantor nos serviços religiosos e festas profanas, assim como o gosto pela representação teatral nascido nas “récitas” da freguesia alentejana que o viu nascer.

Desde sempre escreveu poemas e muitas vezes escreveu “letras” para canções. Nunca deixou de amar o teatro, a representação, a condução de atores, a escrita de peças... a criação de um grupo de teatro.

No entanto, foram as “Marchas” que o colocaram inquestionavelmente num patamar de particular relevo na história da produção cultural em Alverca, em boa parte da segunda metade do século XX.

Toda a conceção musical, poética e coreográfica nasceu, ano após ano, da sua visão harmónica e conjugada

do que devia ser feito para se concretizar o que tinha idealizado. Os temas dos diversos poemas evidenciavam o carácter especial de Alverca no acolhimento e proteção dos seus moradores, a importância do Tejo, a especial atenção e segurança propiciadas pelos santos populares, em particular de S. Pedro, o padroeiro de Alverca. Apesar da sua criatividade e do arrojo de muitas das suas ideias para as “Marchas de Alverca”, tinha perfeita consciência das suas limitações e de que necessitava da colaboração de “especialistas”, designadamente ao nível dos trajes do(a)s marchantes, da conceção e construção dos “Arcos” e da respetiva iluminação, da orquestração e instrumentação da música que compunha, escrevendo as pautas de acordo com os instrumentos que integravam em cada ano o “cavalinho”, reservando em exclusivo para si a criação dos esquemas ilustrativos das coreografias, a metodologia evolutiva dos ensaios e a logística indispensável para que todo o processo fosse cumprido de acordo com o planeado, designadamente ao nível dos convites a endereçar aos músicos e à metodologia de seleção do(a)s

marchantes. Os ensaios estendiam-se por alguns meses, sendo indispensável uma dedicação total de todos os participantes para que a evolução de todos os movimentos individuais e coletivos fossem executados de acordo com a estética e a dinâmica concebidas.

Mesmo nas situações em que surgiu algum imponderável (e foram ocorrendo alguns...) encontrou-se sempre uma solução alternativa. O esforço e a qualidade do trabalho realizado foram reconhecidos, ano após ano, evidenciando-se todos os participantes e em particular o autor, compositor e ensaiador Manuel Carola.

Confesso que desconheço como lhe surgiu a ideia de levar a cabo esta feliz iniciativa. Nunca lhe perguntei e não me recordo de alguma vez ter ouvido ou lido algo que me pudesse ajudar a conceber uma resposta... terá assistido ao desfile das Marchas de Lisboa na TV, uma vez que a primeira transmissão foi em 1958? Assistiu mesmo nas ruas de Lisboa ao tradicional desfile das marchas dos diversos bairros da capital? Seja qual for a resposta é inquestionável



que terá testemunhado ao vivo um ou mais desfiles das marchas e que teve acesso a algum esquema ilustrativo da evolução coreográfica dos marchantes no espaço da avenida, de acordo com a música tocada pelo “cavalinho”, tendo apreendido a essência dos “procedimentos artísticos”, ao ponto de ser capaz de os reproduzir autonomamente com músicas/letras e coreografias originais. Não me admirava nada... ainda assim, não é de excluir a possibilidade de que conhecesse algum dos músicos participantes, uma vez que vários “cavalinhos” integravam músicos da banda da polícia e do exército, por exemplo, oriundos de vários pontos do país.

Ao contrário do que acontecia em Lisboa, em Alverca nunca houve qualquer regulamentação no que respeita à Marcha, incluindo os instrumentos musicais que podiam integrar o “cavalinho”. A caixa era determinante para a marcação do ritmo e o controle da sintonia dos passos inerentes ao desenvolvimento das coreografias, dependendo os restantes dos músicos disponíveis em cada ano. Ainda assim era normal contar com, pelo menos, acordeão, saxofone, trompete, clarinete, tuba, bombardino e trombone.

Em 1965, para além dos tradicionais festejos dedicados a São Pedro, padroeiro da paróquia de Alverca, realizados no adro da igreja, com quermesse, sardinha assada e outros petiscos, música, baile e foguetes, saiu então à rua a “Marcha de S. Pedro de Alverca”, sublinhando-se o facto de que a designer da roupa dos marchantes foi Idalina Carola, a minha mãe.

[99]

A banda das Marchas de São Pedro de Alverca. 1968.

Rui Fonseca no acordeão e Antonio Monim Lopes no saxofone. Original do espólio do MM-NA. Doação de Maria do Carmo Carola.

À frente do primeiro arco, eu e a minha irmã Maria do Carmo, a “Carmita” que completaria quatro anos em setembro e eu que tinha seis anos desde maio. Centenas e centenas de pessoas aguardavam nas ruas para ver a marcha passar, acabando por a acompanhar até ao local onde as coreografias cuidadosamente ensaiadas iriam decorrer.

Chegados ao local, o amplo espaço que hoje se encontra ocupado pelas instalações do nosso estimado corpo de bombeiros, estava repleto de alverquenses que procuravam ver as referidas coreografias. A multidão compacta impossibilitava até a entrada da marcha no referido local. A solução encontrada, passado algum tempo, foi a disponibilização do campo do FCA para que aí se concretizasse a tão esperada atuação da Marcha de Alverca.

Foi mais uma etapa aquela autêntica romaria improvisada pelas ruas de Alverca até ao campo pelado.

A atuação foi um êxito e a noite inesquecível.

A vontade de repetir a experiência, uma evidência.

Alverca reviu-se nas músicas e nas letras cantadas e dançadas pela Marcha, as quais, orgulhosamente, passaram a considerar como suas, em cada nova Marcha da festa dos Santos Populares.

[79]

Marchas de São Pedro de Alverca. 1965.

Manuel Evaristo Carola, o criador das Marchas, ladeado pelos filhos Maria do Carmo e Vítor. Original do espólio do MM-NA. Doação de Maria do Carmo Carola.





TRADIÇÕES DE CARNAVAL EM ALVERCA DO RIBATEJO

Nesta região, em épocas mais remotas, o Carnaval era bastante festejado, tanto nas zonas altas, como Arcena, como nas povoações maiores, de que é exemplo a antiga vila de Alverca.

Era costume a organização de Cegadas, em que grupos de mascarados recitavam e cantavam textos satíricos, criados para a ocasião, inspirados em eventos e personalidades locais e em que todos os papéis, incluindo os femininos, eram interpretados por homens, acompanhados por músicos que, geralmente, usavam como instrumentos o bandolim, o banjo e a viola.

Nas terras altas, grupos de rapazes, escondidos pelo mato, lançavam *pulhas*, frases jocosas e satíricas, anunciando factos ou rumores ocorridos na povoação, usando por vezes funis grandes, de modo a ampliar o som.

Em Arcena, ainda há quem recorde o costume de se criar uma estrutura de madeira, onde cabiam dois rapazes, cobertos por uma serapilheira e com um par de chifres à frente, que assim, mascarados de touro, investiam a brincar sobre as pessoas.

Organizavam-se bailes de Carnaval, nas chamadas *casas da brincadeira* – um celeiro, ou barracão grande – animados por tocadores com instrumentos de corda, e/ou gaita-de-beiços. Mais tarde, foi a Casa do Povo de Arcena a dinamizar os bailes de carnaval, animados por conjuntos de músicos locais. No lugar, os festejos de Carnaval começavam com os bailes no Sábado Gordo e terminavam na noite de Quarta-feira de Cinzas com o *Enterro do Chouriço*.

Desde a década de 1920, na SFRA, havia bailes de carnaval, noticiados pela imprensa local. Pelas ruas de Alverca, de forma improvisada, havia sempre um ou outro popular de carácter carnavalesco a animar a rua. Na década de 1970, organizavam-se concursos de máscaras no salão paroquial, eventos que envolviam os populares num convívio intergeracional. São estes aspetos que podem ser recordados nas fotografias aqui presentes.

[128] **Menino mascarado de Cavaleiro Tauromáquico, para o Carnaval em Alverca. S/d.**

Original de Arlete Silva..

Tradições de
Carnaval
em Alverca
do Ribatejo



[143] **Menino mascarado de índio norte americano no Concurso Infantil de Máscaras de Carnaval, no salão paroquial da Igreja de São Pedro de Alverca. 1975.**

Original de Arnaldo Barros.



ENTERRO DO CHOURIÇO

Outra comum em toda a região da Estremadura, o *Enterro do Chouriço* é uma performance tradicional que se realiza sempre na noite de Quarta-feira de Cinzas, como forma de prolongar os festejos do Carnaval.

Em linhas gerais, consiste num cortejo *fúnebre*, que inclui como personagens a *viúva* e a *filha* do defunto, designado como *Chouriço*, o *Padre*, o *Sacristão* e o *Coveiro*, os quais cantam, à vez, uma cantiga cujos versos apresentam uma crítica social centrada em caricaturas jocosas sobre as próprias personagens, em tom brejeiro e de duplo sentido, referentes, sobretudo, ao *Chouriço*, sempre com acompanhamento musical de violas, acordeão, bombo, entre outros.

No final da década de 1960, como aconteceu um pouco por todo o país, também aqui cessou este tipo de festividades populares. Em Arcena, a tradição foi retomada em 1992. Em Alverca, também na década de 1990, chegou a realizar-se por iniciativa da Associação dos Bombeiros Voluntários de Alverca e, mais tarde, pela Sociedade Filarmónica de Recreio Alverquense.

Atualmente, o *Enterro do Chouriço* realiza-se apenas em Arcena, por iniciativa da Casa do Povo, constituindo uma ação dinâmica, agregadora, porque junta os residentes aos migrantes, e identitária, porque é um momento que as gentes identificam como seu.

No concelho de Vila Franca de Xira, estas festividades constituem um exemplo de Património Cultural Imaterial que importa salvaguardar.

Enterro do
Chouriço

[163]

Enterro do Chouriço em Arcena. 1994.

Original do MMVFX.

Exposição Alverca em Festa - FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Presidente Fernando Paulo Ferreira

Pelouro da Cultura

Vereadora Maria Manuela Pacheco
Ralha

COORDENAÇÃO GERAL

Direção Municipal de Ambiente
e Desenvolvimento Humano

Departamento de Cultura
e Identidade Patrimonial e Imaterial

Divisão de Cultura, Museus
e Património Histórico

Museu Municipal de Vila Franca
de Xira - Núcleo de Alverca

CONCEÇÃO, SELEÇÃO DE CONTEÚDOS E MUSEOGRAFIA

Anabela Ferreira

APOIO À PRODUÇÃO

Amélia Gonçalves
Ana Maria Cunha
Ana Sofia Figueiredo
Ana Cunha
Célia Gil
Daniel Castro
Graça Nunes
Isabel Marques
Joana Almeida
João Pedro Pereira
José Carlos Canilho
Josué Vaz de Almeida
Mónica Alves
Tiago Baptista
Varvara Berdianu

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Ana Maria Cunha
Ana Sofia Figueiredo
Ana Sofia Neves
Joana Almeida
João Miguel Salgado
Sara Lemos
Susana Neto

TEXTOS

Alfredo Marujo
Anabela Ferreira
Inocêncio Casquinha
Vítor Carola

PARCERIA

União de Freguesias de Alverca do
Ribatejo e Sobralinho

COMUNICAÇÃO

Divisão de Comunicação Protocolo e
Relações Internacionais
Carla Coquenim

DESIGN EXPOSITIVO

Divisão de Comunicação Protocolo e
Relações Internacionais
Dulce Munhoz

MONTAGEM

Museu Municipal - Núcleo de Alverca
Anabela Ferreira
Ana Sofia Figueiredo
Célia Gil

Divisão de Comunicação Protocolo e
Relações Internacionais

Miguel Oliveira
Nuno Correia

Departamento de Obras
e Projetos Municipais

António Rocha
Mário Silva
Nélio Romão
Ricardo Rebelo

AGRADECIMENTOS

A Câmara Municipal e o Museu
Municipal de Vila Franca de Xira-
Núcleo de Alverca agradecem a
todos aqueles que, de alguma forma,
colaboraram na realização deste
projeto expositivo, nomeadamente:

Alfredo Marujo
Ana Braga Santa Marta
Ana Isabel Oliveira
António Marques
António Pires
Arlete Silva
Arnaldo Barros
Bombeiros Voluntários
de Alverca
Carmina Augusto
Casa do Povo de Arcena
Delfina Baião Cera
Elisabete França
Francisco Teixeira
Inocêncio Casquinha
Isabel Mota
Jacinta Gabriel
Joaquim Agostinho Fortunato
Joaquim Nogueira Pinto
José Avelar
José Ferreira Tarré
Lina Casaca
Maria do Carmo Carola
Maria Manuela Dias
Museu Etnográfico
da Casa do Povo de Arcena
Paulo Pereira
Ricardo Pereira
Sociedade Filarmónica
de Recreio Alverquense
Vitor Ângelo Azevedo
Vítor Manuel Vieira Graça

ORGANIZAÇÃO



CÂMARA
MUNICIPAL





Ligações Fortes
om-vfxira.pt

